

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS COM GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA PROFESSOR JOSÉ BOEING EM RIO FORTUNA-SC

Adriane Ballmann Heidemann – Obeduc/Capes
adrianeballmann@hotmail.com¹

Viviane Lima Ferreira – PPGE/UFSC Obeduc/Capes
viviane.fer@gmail.com²
CAPES

Eixo 9: Alfabetização e letramento nos anos iniciais (ensino de nove anos, progressão continuada, processos de alfabetização e letramento).

Resumo: Este presente artigo é uma compilação de duas pesquisas que vêm sendo realizadas no contexto da escola do campo, José Boeing, no Município de Rio Fortuna. Sua introdução apresenta as duas pesquisas, uma focada no uso dos gêneros textuais na alfabetização e outra no letramento com o uso das tecnologias digitais. Ambas utilizam-se do mesmo referencial teórico que conceitua a linguagem como fruto das interações humanas em sociedade e o aprendizado provindo desta interação social. Os gêneros são vistos como meios reais da linguagem na organização da vida social do homem. Reflete-se sobre como seus diferentes suportes podem facilitar o processo educativo na escola. São apresentadas pequenas considerações sobre o trabalho onde aparecem as primeiras dificuldades, a importância da formação de educadores e o mapeamento dos objetivos da escolarização em prol do letramento.

Palavras-chave: letramento, alfabetização, gêneros textuais e NTIC.

Este artigo tem como objetivo sintetizar dois trabalhos que vêm sendo desenvolvidos. Ambos fazem parte do Observatório de Educação do Instituto Educampo da Universidade Federal de Santa Catarina. São dois subprojetos dentro do Projeto, fomentado pelo INEP³ e pela Capes⁴, intitulado Realidade das Escolas do Campo na Região Sul do Brasil: Diagnóstico e Intervenção Pedagógica com Ênfase na Alfabetização, Letramento e Formação de Professores. Este projeto realiza-se na região Sul do Brasil e é executado por 3 núcleos em Rede, das universidades Universidade Federal de Pelotas, Universidade Tuiuti do Paraná e Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Professora da Rede Municipal de Rio Fortuna – SC, bolsista do Observatório de Educação 2 do Centro de Ciências da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

² Bolsista do Observatório de Educação 2 do Centro de Ciências da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC.

³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Os dois projetos são realizados numa escola do campo. Em um deles, discute-se a importância da utilização dos diferentes gêneros textuais e quais são as suas implicações para a alfabetização e letramento. No outro, relaciona-se a interferência dos meios de comunicação digitais no processo deste letramento dos professores refletindo como estes meios podem potencializar o trabalho em sala de aula.

Diante deste contexto as pesquisas procuram responder diversos questionamentos. A partir de uma concepção de ensino onde o professor se transforma em educador e o aluno em educando reflete-se sobre como os diferentes gêneros textuais implicam para a alfabetização e letramento na Escola Municipal Professor José Boeing.

Refletindo sobre os gêneros textuais e seus suportes, os principais objetivos destas pesquisas são trabalhar com a emergência do tema da inclusão social na escolas. Trazendo a escrita como um meio de organização social. Como é possível usar as tecnologias na educação do campo e repensar os sentidos que as NTIC têm na escola, principalmente, para os profissionais da educação. Assim, refletir sobre as práticas sociais de Leitura e Escrita e elaborar uma formação que prepare os professores para o uso dos gêneros textuais e das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação de uma maneira crítica e por último preparar a escola para as práticas sociais de comunicação.

Contextualizando o campo da pesquisa

As pesquisas e observações estão sendo efetuadas na Escola Municipal “Professor José Boeing”, localizada Avenida 7 de Setembro S/N, no centro da cidade de Rio Fortuna, no estado de Santa Catarina. O município de Rio Fortuna possui uma área de 286,30 km², fazendo vizinhança com Santa Rosa de Lima, Braço do Norte, Armazém, São Martinho, Grão-Pará e Urubici. O município possui 4.316 habitantes, dos quais 3.103 habitam a zona rural, ou seja, 71,89% da população.

A maior parte da população do município constitui-se de origem alemã, com alguns grupos italianos, poloneses, portugueses e mestiços. Os costumes e tradições concentram-se em festas: familiares, casamentos, batizados; religiosas; bailes; eventos esportivos entre outros. A religiosidade é característica marcante desta população. O esporte é bastante valorizado e praticado no município.

O nome da escola é uma homenagem a José Boeing – professor da década de 30 a 60 –,

era muito severo, mas ensinava bem, possuía participação na comunidade por tocar órgão e ser maestro do coral. Estudou em Blumenau para ser professor (o que equivale hoje à 8ª série), lecionou na escola de Rio Chapéu e posteriormente no colégio do centro da cidade, faleceu em 1983.

O público atendido pela escola é representado por 62,6% dos alunos residentes na zona rural e 37,4% que moram no perímetro urbano do município. Os setores de trabalho dos pais é bem diversificado, porém a maioria, 47,4%, trabalha em atividades relacionadas à agropecuária e outros 21% trabalha em indústrias ou comércio. A maioria das mães dos alunos – 47,5% – dedica-se a atividades também relacionadas a agropecuária, outras 17,5% trabalham no setor de indústria e comércio, 17% no lar, algumas trabalham no setor público, como autônomas e em outras atividades.

Quanto ao grau de instrução dos pais somente 2,9% não sabem ler e escrever; a maioria possui 2º grau⁵ incompleto representando 31,6% da população; 19,9% têm o 1º grau⁶ completo; 4,1% não concluiu o 2º grau e 29,2% concluiu o 2º grau. Com nível superior os números são pequenos, 3,5% cursou e destes 2,4% são pós-graduados.

Referente à escolaridade das mães: 39,2% possui o 1º grau incompleto; 18,1% terminou o 1º grau; 25,7% concluíram o 2º grau e 4,1% não concluíram o 2º grau. Constatou-se que 4,1% cursaram nível superior e 5,4% fizeram pós-graduação. De acordo com esta pesquisa não há nenhuma mãe analfabeta.

No item que se refere à renda familiar, 11,7% das famílias têm uma renda mensal de menos de um salário mínimo; 45,6% têm renda entre um a dois salários mínimos; 32,1% possuem renda entre três a quatro salários mínimos; a renda de 5,8% fica entre cinco e seis salários mínimos e poucas famílias têm renda acima de seis salários mínimos.

No que concerne a escola, todas as salas da escola possuem equipamentos adequados para atender a demanda como: quadro de pincel, armário, mesa do professor, carteira para os alunos, cadeiras, ventiladores de teto, sendo que outras dependências também possuem ventiladores. Em 10 salas de aula foram instalados ar condicionado. Há também internet sem fio na escola.

A proposta do Projeto Político Pedagógico da escola busca calcar suas ações de acordo a concepção de ensino-aprendizagem sociointeracionista, cujo objetivo é envolver o educando

⁵ Equivalente ao Ensino Médio atual.

⁶ Equivale ao Ensino Fundamental

na aprendizagem significativa dos conteúdos, oferecendo aos mesmos, possibilidade de aprender criticamente o conhecimento científico. Seguindo tal pensamento a escola tem compromisso de respeitar os saberes dos educandos, aproveitando sua experiência, discutindo sua realidade, associando os saberes curriculares e a experiência social que eles têm, valorizando e resgatando a diversidade cultural, enriquecendo assim o conhecimento, pois ao mesmo tempo em que se ensina estamos num constante aprender.

Referenciais teórico-metodológicos

Durante os três primeiros anos do Ensino Fundamental da grade curricular de nove anos, serão feitas observações e intervenções com os professores. São as séries onde o aluno deverá ser totalmente alfabetizado dominando os conceitos essenciais de Língua Portuguesa, suas literaturas, e de Matemática.

Por se tratar de uma escola situada no centro da cidade, mas que possui um público basicamente rural, torna-se interessante e curioso o estudo de como se dá a alfabetização dos alunos. Ainda mais se esta é feita a partir da utilização dos diferentes gêneros textuais, tais como, periódicos, artigos, tirinhas em quadrinhos, música, poemas, literatura infantil. E se existe influência destes gêneros na aprendizagem dos alunos durante os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Para se esclarecer e se embasar teoricamente busca-se um entendimento a partir dos conceitos sobre alfabetização e letramento de Emília Ferreiro e seus postulados (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético) e à luz dos preceitos de Lúria, Magda Soares e Vygotsky. Estes concebem a escrita como uma ferramenta mediacional e simbólica, originada do desenho, no sentido de melhorar a compreensão quanto ao processo de aquisição da escrita dos alunos em sua trajetória escolar.

Para Emília Ferrero, a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados no papel para representar algo.

Em Vygotsky, de acordo com a perspectiva sociointeracionista, a aprendizagem é o processo pelo qual nos modificamos a partir de nossas experiências (condições históricas e sociais). A internalização é o processo pelo qual os signos externos de que necessitamos,

transformam-se em signos internos. É a transformação do conhecimento e das operações que serão ressignificadas.

Luria, afirma que a linguagem, assim como o trabalho, é o meio mais importante de desenvolvimento da consciência. Por meio da linguagem, o homem duplica o mundo perceptível designando objetos e eventos do mundo exterior com palavras e permitindo sua evocação quando ausentes.

Para Magda Soares, os processos de alfabetização e letramento envolvem conhecimentos, habilidades e competência específicas, que exigem formas de aprendizagem e procedimentos de ensino diferenciados. Este aspecto se torna evidente quando se trata da escola do campo em contraponto às escolas urbanas.

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e escrita (SOARES, 2004).

O processo de aquisição da escrita, que demanda interações específicas, acontece, normalmente, por meio da escolarização indispensável e fundamental a todo cidadão. Já o processo de letramento se efetiva ao longo da vida das pessoas, com a crescente participação nas práticas sociais, nas quais circulam diferentes gêneros discursivos.

Essas diferenças, de acordo com a Proposta Curricular (2005, p.19), “de ordem cultural, linguística e social tornam-se mais evidentes no processo de escolarização, pois são reveladas sobremaneira na linguagem, uma vez que o discurso escolar impõe padrões de comportamento distintos daqueles em que vivem as crianças”.

Desta maneira, escolher o conceito de Letramento no plural parece ser fundamental para desenvolver estas pesquisas de intervenção. Letramento, para Magda Soares, vai “além de aprender a ler e a escrever”, no processo de ensino e aprendizagem a criança precisa “ser levada ao domínio das práticas sociais de leitura e de escrita” (2000). O educador, preocupado com o processo de letramento dos seus educandos, observa na sociedade quais são as leituras e escritas que precisam fazer parte do cotidiano da escola.

Assim, vê-se a língua como nossa fonte de cultura, conhecimento e interação (BAKHTIN, 1981, p. 109) e um trabalho de letramento eficaz abordaria os diferentes gêneros

textuais que dão suporte à troca de sentidos. O letramento, que cabe ao ensino de língua, estará contemplado na escola, mesmo quando o IDEB mostra um índice tão baixo de compreensão leitora. Para a pesquisadora Maria do Socorro, o letramento deve ser encarado como um trabalho complexo:

Enxergar o letramento como algo ‘singular’ é esquecer que a vida social é permeada por linguagem de múltiplas formas e destinada a diferentes usos. Nela, são veiculados gêneros diversos que são praticados por diferentes pessoas nas mais diversas atividades sociais, orientadas a partir de propósitos, funções, interesses e necessidades comunicativas específicas, não obstante a compreensão de que alguns textos são considerados canônicos e, por isso, mais legitimados que outros, socialmente. E é exatamente porque se constitui como algo ‘plural’ que vale a pena problematizar, examinando as diversas facetas que o constituem e as razões por que esse fenômeno tem se tornado um verdadeiro ‘campo de batalha’ no domínio pedagógico. (OLIVEIRA, 2010, 329)

Letrar é preciso, mas as diferentes manifestações simbólicas dificultam essa precisão. Para Bakhtin “todo signo é ideológico”, nos variados tipos de suportes em formatos distintos, a linguagem que circula em nossa sociedade é utilizada para propósitos específicos. Charles Bazerman, no seu livro intitulado “Escrita, gênero e interação social” diz que os gêneros “são os meios pelos quais a sociedade se reproduz e muda simultaneamente por novos atos individuais, usando oportunidades comunicativas disponíveis culturalmente, (...)” (2007, p. 19).

Esses meios transformam a comunicação e a interação do homem, mas não pode-se esquecer de toda a ideologia que eles nos trazem através da mídia presente no mundo globalizado. Assim, encontra-se um outro tipo de letramento que desmascara os interesses do mercado e suas crenças, desmitificando-as. Ser letrado, aparece assim, como questionar estas marcas de sentido presentes no mundo global que se apresenta nas nossas vidas através dos meios de comunicação, principalmente, os de massa, esta visão se enquadra com uma postura de letramento crítico.

Para Vera Mazagão, no seu livro “Alfabetismo e Atitudes” o letramento deve ser encarado como um fenômeno cultural complexo, devido as dificuldades para medidas e as diferentes abordagens teóricas em torno da definição do sentido (1999). São muitos fatores diferentes que implicam para que o indivíduo se torne letrado. No Brasil, os níveis do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) são entristecedores, somente 26% da população é plenamente alfabetizada (RIBEIRO, 1999), isso quer dizer, alcança o nível de leitura e escrita necessário para se mover em sociedade, não é letrada.

O linguista americano Charles Bazerman, em seu livro “Escrita, gênero e interação social”, define a escrita como

“um meio de comunicar entre pessoas através do tempo e do espaço. A escrita pode servir para, mútua e concomitantemente, orientar atenção, alinhar pensamentos, coordenar ações e fazer negócios entre pessoas que não estão fisicamente co-presentes como também entre as que estão presentes.” (p. 13)

O acesso a cultura escrita de uma maneira aberta se mostra um requisito para a participação social. A “leitura e escrita são fundamentalmente processos sociais, ligando os pensamentos, as experiências e os projetos às coletividades mais amplas de ação e crença organizadas” (BAZERMAN, 2007, p.13). Abrir o código da escrita talvez seja propor um diálogo entre as culturas locais e mais amplas.

O legado de Paulo Freire apresenta uma alternativa às exclusões sociais presentes na sociedade do campo com a inversão da lógica da educação bancária. A leitura do mundo pode vir antes da leitura da palavra, mas escrevê-lo nos dá oportunidade de reescrevê-lo. (FREIRE, 1987, p. 47). No “ensino da escrita, é correto que nos preocupemos com a maneira como cada pessoa interage com o texto através da escrita e da leitura.” (BAZERMAN, 2007, p. 15). As tecnologias de escrita apresentam múltiplas manifestações.

Permitir que a leitura e a escrita fluam possibilita uma mescla entre o código novo e o já existente. Alfabetizar letrando é, primeiramente, tecer laços entre a subjetividade do educando e a proposta curricular de ensino, desta forma, há possibilidade e espaço para o desenvolvimento das capacidades proximais superiores apresentadas por Vygostky (SCHNEUWLY, 2008). Assim desenvolve-se de uma maneira crítica e criativa como leitores-autores de seu contexto social.

“São necessários atos de invenção e criatividade, temperados extensão inteligível, para encontrar novas maneiras e usos do letramento. Tal criatividade é incitada por alguma exigência percebida que motivaria os indivíduos a descobrir novas maneiras de comunicar com pessoas sobre assuntos diferentes e de estimular diferentes tipos de ações.” (BAZERMAN, 2007, p.41)

A mediação do educador entre o conteúdo concernente a disciplina e os interesses dos educandos é um fator que contribui significativamente para a mudança cultural. Assim pode-se criar novas estratégias de letramento que facilitem o trabalho do educador ao despertar nos educandos o prazer em ler e escrever nos diferentes suportes.

Celestin Freinet – educador francês – enxerga nos gêneros textuais e na presença das diferentes tecnologias de escrita na escola uma forma de envolver o educando no processo escola-sociedade. Em seu livro “Vygotski, a escola e a escrita” (ainda não traduzido para o português), Bernard Schneuwly ressalta a importância de metodologia de educação popular de Freinet como uma forma de desenvolver as capacidades proximais superiores e a interação sócio discursiva.

“Toda prática social é garantida pelos meios materiais e deve se concretizar nas práticas materiais. Colocando a parte os rituais como a leitura pública de textos, a troca entre classes ou a correspondência com pessoas fora da classe, Freinet introduziu na sala de aula uma ferramenta material, que representa perfeitamente a dimensão comunicativa da escrita.” (SCHNEUWLY, 2008, .p. 138) [tradução nossa]

De um lado, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) se apresentam como um bem de consumo. De outro, vê-se o papel delas dentro de um projeto de dizer. Assim, compreende-se a dimensão do aparato como um meio de incluir digitalmente com a proposta de auxiliar no processo de produção de riqueza simbólica e material (SCHWARTZ, 2000) através do uso das NTIC. O conceito de mídia-educação se apresenta como uma alternativa, introduzindo os 4C na escola: cultura, crítica, criação e cidadania (FANTIN, GIRARDELLO, 2009).

Ainda assim, com a entrada das NTIC na escola, o dinamismo deste processo comunicativo se intensifica. Socorro continua o argumento defendendo que

Se essa configuração textual e / ou modo de significar no texto traz um grau de complexidade maior para a formação de leitores e escritores na contemporaneidade (p. ex., leitura de gráficos, mapas, textos midiáticos), a dificuldade é crescente no chamado letramento eletrônico em que, diferentemente do letramento impresso, informações em rede são interconectadas (linked) de forma não linear – hipertexto –, o que aponta para a construção de novos cenários de letramento e novos perfis de profissionais na educação. (2010, p. 332)

Encontra-se um outro “letramento”, o “eletrônico”, que propõe o conhecimento e o uso dos artefatos tecnológicos além dos seus subprodutos, tais como, formatos digitais de imagem, som, vídeo, dentre outros, numa pluralidade de sentidos dispostos nas redes de comunicação.

Percebe-se, assim, vários aspectos importantes do letramento no plural, um deles é que existe uma apropriação necessária às técnicas de leitura e escrita, essa vai diretamente de

encontro com a circulação entre as suas práticas sociais. Ainda, a atitude de interpretar as intenções existentes nos gêneros disponíveis na sociedade, como por exemplo nas redes de TV e Rádio. Além de observar as tecnologias e suportes que facilitam toda essa cultura escrita, a escola deve se preparar para produzir conhecimento nesses meios, em busca da transformação social.

Charles Bazerman, no mesmo texto, nos alerta: “Embora as palavras escritas movam mentes, mentes movem pessoas e pessoas se movem nos mundos social e material.” (2007, p. 15). Estes símbolos estão se movendo atualmente através das NTIC e assim duas perguntas fundamentais se estabelecem nessa perspectiva: A escola da atualidade, como espaço de transformação social, pode ser um espaço de atitudes (RIBEIRO, 2009) e de produção cultural e material? Como as NTIC podem favorecer o letramento dos indivíduos da escola?

Este referencial teórico mostra como letramento e escola podem andar de mãos dadas, principalmente, em escolas do campo. Os participantes desta escola provém de regiões agrícolas que historicamente não circulam ativamente dos letramentos sociais. Configura-se assim uma importância primordial da escola no letramento dos estudantes, pois, é nela que os seus educandos terão acesso aos funcionamentos do sistema de organização social.

Inclusão social

Torna-se trabalhoso unir teoria e construção da linguagem, onde acontece a predominância do dialeto local. Se a língua nasce a partir de fenômeno puramente histórico (BAKHTIN, 1981, p. 109) proveniente da interação entre os seres de uma sociedade nas suas necessidades de comunicação, ela vai se modificando. Assim, por se tratar de uma colônia de alemães, a alfabetização é lenta e atende as necessidades culturais e regionais, comprometendo em parte o aprendizado.

Se neste processo levar-se em consideração somente o letramento crítico, acontece uma grande falha na alfabetização, ao mesmo tempo em que faz-se necessário aproximar o educando a uma outra representação de linguagem onde o acompanhamento linguístico e morfológico se torna necessário para a alfabetização.

Uma cultura escolar baseada no senso comum e que não vê a necessidade do conhecimento sistematizado e é salientada apenas pela leitura e pelo cálculo distancia o aluno das demais habilidades que envolvem o processo de alfabetização.

É na escola que os alunos do campo tem contato com materiais pedagógicos diferenciados que estimulam a interpretação, a construção de ideias e a formação do senso crítico. Em casa ou na comunidade o contato com a oralidade é presente, as discussões são voltadas para o cotidiano e não têm nenhuma ligação com a linguagem escrita e a norma culta da língua.

Outro fator contra o sucesso do processo de ensino de aprendizagem é que as crianças saem de casa muito cedo e enfrentam o trajeto de casa até a escola de ônibus, o que leva até horas para ser concluído e muitos ainda caminham alguns quilômetros. Quando chegam à escola, já estão cansadas, com fome e até irritadas, devido as condições as quais são submetidas.

Novas estratégias precisam ser elaboradas para que a escolarização e o letramento dos estudantes do campo seja efetivo. Condições de permanência e conforto devem estar presentes na pauta da escola do campo, para que as condições de ensino e aprendizagem sejam garantidas.

Gêneros Textuais

Para aplicar os gêneros textuais no processo de alfabetização é necessário refletir sobre a faixa etária da criança. Durante a observação pode-se constatar que a utilização do gênero literário precisa antes de tudo respeitar a maturação da criança. Assim no primeiro ano do Ensino Fundamental, onde a aprendizagem se dá de forma lúdica, é essencial que o trabalho seja voltado para a musicalidade, poesia e versos, bem como a visualização e a leitura de imagens.

As imagens podem ser vistas como textos onde a criança constrói o seu universo, demonstrando o seu saber dentro das suas capacidades e habilidades. O acesso a informação visual pode ser facilitada pelos suportes tecnológicos para que formulando novos conceitos a criança desenvolva sua subjetividade. Isso tudo deve ser realizado à partir da intervenção pedagógica que procura gerar uma mudança na postura do educando, o que é o resultado para a avaliação de sua aprendizagem.

Diante desta proposta metodológica e didática, pode-se perceber que a formação do profissional se faz essencial. Assim conta-se com uma equipe de licenciados que buscam

sempre que possível junto ao órgão municipal os cursos de formação continuada, procurando trazer o que há de melhor e que possa contribuir para a aprendizagem dos alunos.

É por este motivo que são também promovidos grupos focais com os professores. Esses grupo focais são espaços abertos de formação que propiciarão produção de conhecimento dentro dos suportes dos letramentos digitais. Onde trabalha-se através da metodologia de educação popular a discussão dos temas geradores para produzir material de Leitura e Escrita em Meio Digital, Rádio, Imagem, Vídeo e Letramento Digital. A produção do conhecimento é emblemática para a realização deste trabalho. Desta maneira, observa-se melhor quais são as reais dificuldades dos educadores com o uso das NTIC em sala de aula, quais são os seus níveis de letramento digital e qual é a sua postura como agente do letramento dos seus educandos.

A união entre os gêneros textuais e o encantamento lúdico das manifestações artísticas contribuem nesta fase de desenvolvimento com uma aprendizagem significativa e duradoura, que traz para o cotidiano a essência da cidadania, nos pequenos seres em formação. Também faz parte da alfabetização e letramento o contato visual, dinâmico e construtivo dos gêneros literários, sabendo-se diferenciar suas temáticas, mensagens, contexto moral e biografia do autor, para então entender-se o ambiente em que se passa a leitura, a descrição do cenário, o figurino que vigora e a linguagem utilizada pelo autor.

Como postura pedagógica é preciso promover a leitura, relacionando-a com a vida. É fundamental o estímulo à leitura, mostrando a necessidade de evolução educacional a qual mostre a leitura como um instrumento pedagógico que estabeleça um papel importante no processo de ensino-aprendizagem.

Primeiros resultados

Investir na capacitação continuada do educador é uma necessidade na educação. O aumento dos níveis de desempenho dos educandos e educadores se envolve em processos sociais de interação. O meio e a presença de projetos de intervenção na escola é fundamental, pois, cria-se ambientes de reflexão, criação e mudança cultural.

Se o professor modifica seu trabalho se tornando um educador, ele compreende o que é a leitura e como as crianças aprendem a gostar de ler. Desta forma conseguirá fazer um bom trabalho na escola. A criança não se faz leitora-autora de um dia para o outro. Passo a passo

ela faz o seu caminho. Caminho que tem o seu início vinculado às condições e estímulos que o meio lhe são oferecidos.

Com todas as tentativas de auxílio a comunicação e disseminação da informação, a realidade ainda é distante da compreensão da sociedade e de suas estruturas organizacionais, sendo elas burocráticas, governamentais, do mercado, etc. O homem se utiliza de certas técnicas para circular em grupos fazeres e seus poderes.

A criança é um ser ativo que atribui significado ao mundo e a si mesmo num fluxo intenso. Ela chega à escola com algumas hipóteses e algumas certezas. Lê o mundo conforme vê, mas está ansiosa para ampliar seu conhecimento e aplicá-lo.

Por isso, a escola deve ser para a criança mais que uma instituição de ensino, uma instância sem fronteiras, aberta para o mundo, promotora do pensamento crítico, da autonomia, da cidadania, assim sendo uma instituição incluidora.

Referências Bibliográficas

BAKTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitex, 1981.

BALALLAI, R. Freinet. Uma leitura crítica de “Pour l’École du Peuple”. Blumenau, Furb, (21): 29-53, mar. 1984.

BAZERMAN, Charles. Escrita, gênero e interação social. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. 2 ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FANTIN, Monica, GIRARDELLO, Gilka. Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais. *Perspectiva*, v. 27, n. 1, p. 69-96, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. *RBLA*, Belo. Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. Alfabetismo e atitudes: pesquisa com jovens e adultos. Campinas: Papirus/ São Paulo: Ação Educativa, 1999.

SCHNEUWLY, Bernard. Vygotski, Freinet et l'écrit. In: Vygotski, l'école et l'écriture. *Les Cahiers de la section des sciences de l'éducation*. Genova, n. 118, 135-149, outubro, 2008.

SCHWARTZ, Gilson. Exclusão digital entra na agenda econômica mundial. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 janeiro 2000.

SOARES, Magda Becker. Entrevista: letrar é mais que alfabetizar. In: Jornal do Brasil. 26 Nov. 2000. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/magda_soares_letrar_alfabetizar.pdf> . Acesso em: 23/03/2012.